

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SANDRA REGINA DA SILVA BRUGNOLI BOUÇAS

ENZON: RELATOS DAS ANDANÇAS DE UM BANDO EM SEU COTIDIANO

SÃO PAULO

2022_

SANDRA REGINA DA SILVA BRUGNOLI BOUÇAS

ENZON: RELATOS DAS ANDANÇAS DE UM BANDO EM SEU COTIDIANO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para a a Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação.

Orientador(a): Profa. Ms Susan Regina Raittz Cavallet.

SÃO PAULO

2022

RESUMO

EnzOn: Relato das andanças de um bando em seu cotidiano é a materialização em revista interativa, estabelecida durante o período da Especialização em Alternativas para uma Nova Educação, de uma metáfora que representa a sistematização de vivências compartilhadas, estudos e muitas conversas e parcerias e conta um pouco de um percurso Educativo Chamado “Projeto da Escola” EMEF Professor Enzo Antonio Silvestrin, localizadas em São Paulo (SP) em um período de aproximadamente seis anos. Tem um apelo ao resgate da potência em cada ser – experienciando; expandindo, encontrando-se e perdendo-se; compreendendo realizações, lutas, paixões; ocupando um lugar na história e resistindo nos espaços e tempos; juntos, participando, pensando, repensando; em síntese, decolonizando o cotidiano da escola e das práticas educativas. Os caminhos tecidos nos percursos formativos constitutivos da escola, com muita conversa, alimentados pela escuta de todas as pessoas que a fazem e vivem e com aprofundamento da conceituação da decolonização foram vivenciados no cotidiano por meio de tempos e espaços, construídos coletivamente e nomeados em grandes eixos como: genealogias outras; construção do conhecimento em lugar; lugar outro de pensamento e ação. No aprofundamento dos conceitos de decolonização, ecoam-se vozes de Paulo Freire, Isabel, Cunha, Catherine Walsh, Anibal Quijano e Zuma Palermo.

PALAVRAS CHAVES: Construção coletiva; decolonização do cotidiano escolar; mobilização de biografias.



A Turbidez da Água

O ESTUDO É O ESCUDO

RELATOS DAS ANDANÇAS DE UM BANDO EM SEU COTIDIANO

Enzon

Diagramação e projeto gráfico: Janaina Rodrigues

Arte retrato biográfico Sandra: Téo e Sofia

Arte poster: Laura Carvalho

Biografia Sandra: Márcia Duarte Carvalho

Louvação poética: Márcia Cordeiro Moreira

Bouças, Sandra Regina
EnzOn - Relatos das andanças de um bando
em seu cotidiano - São Paulo: 2022



*"é fundamental diminuir a distância
entre o que se diz e o que se faz,
de tal forma que, num dado momento,
a tua fala seja a tua prática."*

Paulo Freire

Agradecimentos



A ANE (Alternativas para uma Nova Educação) não é sobre finalizações e conclusões... É inícios, retomadas, recomenços... É sobre trilhar, abrir atalhos, desbravar o cotidiano. Caminhei com uma gente que, em cada cantinho ocupado mundo “a dentro” e “a fora”, vai suspirando sonhos, às vezes com dor, às vezes com deleites... Mas sempre!

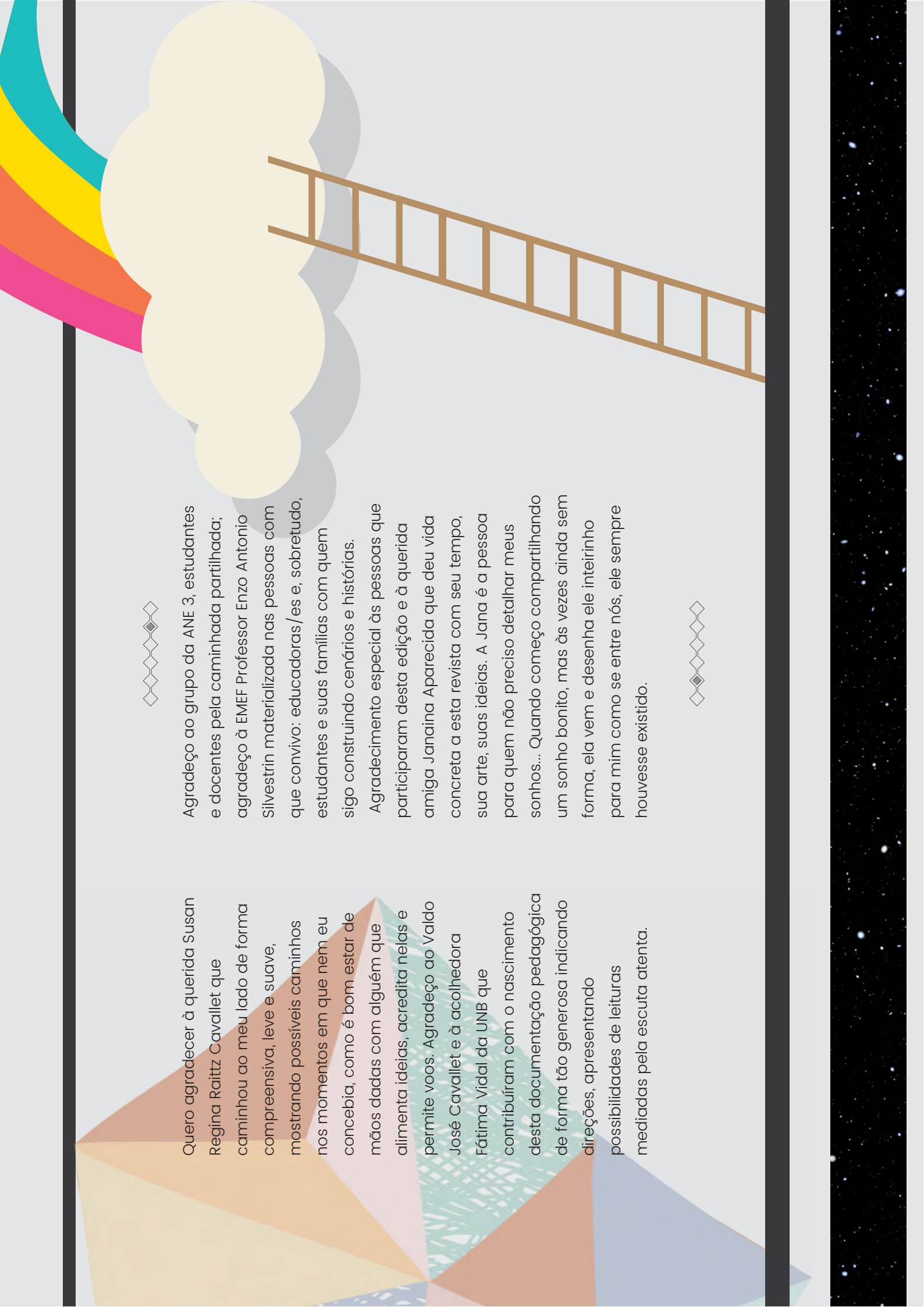
Soube da existência da ANE no ENA (Encuentro de Nuestra América) no Chile em 2019 e fui tomada por um poderoso sentimento de pertencimento. Desde então, fui buscando a ANE até chegar nesta etapa de partilhar nossas pegadas.



Após esta bonita trilha que fizemos em tempos pandêmicos, tenho muito a agradecer e vou começar pela minha família que desde que participei do processo seletivo se disponibilizou a ir comigo para Matinhos todos os sábados para que pudessem estar na mesma cidade que eu enquanto eu estudasse sem me sentir distante ou em falta com ela. A pandemia não permitiu que fosse presencial, mas a família se manteve disponível para compreender que sou uma mulher inteira: mãe, companheira e também trabalhadora, estudante, sonhadora...

Quero agradecer à querida Susan Regina Raittz Cavallet que caminhou ao meu lado de forma compreensiva, leve e suave, mostrando possíveis caminhos nos momentos em que nem eu concebia, como é bom estar de mãos dadas com alguém que alimenta ideias, acredita nelas e permite voos. Agradeço ao Valdo José Cavallet e à acolhedora Fátima Vidal da UNB que contribuíram com o nascimento desta documentação pedagógica de forma tão generosa indicando direções, apresentando possibilidades de leituras mediadas pela escuta atenta.

Agradeço ao grupo da ANE 3, estudantes e docentes pela caminhada compartilhada; agradeço à EMEF Professor Enzo Antonio Silvestrin materializada nas pessoas com que convivo: educadoras/es e, sobretudo, estudantes e suas famílias com quem sigo construindo cenários e histórias. Agradecimento especial às pessoas que participaram desta edição e à querida amiga Janaina Aparecida que deu vida concreta a esta revista com seu tempo, sua arte, suas ideias. A Jana é a pessoa para quem não preciso detalhar meus sonhos... Quando começo compartilhando um sonho bonito, mas às vezes ainda sem forma, ela vem e desenha ele inteirinho para mim como se entre nós, ele sempre houvesse existido.



Todo homem e toda mulher é uma estrela.

E por termos essa essência quântica, extraordinária e, por que não, mágica... somos capazes de brilhar intensamente. Mas quantos de nós sabem disso?

Quantos sabem que essa potência existe dentro de cada ser?

Quantos lembram dessa máxima maravilhosa?

Esse é, para mim, o papel inicial da educação: o experimentar, ocupar aqui e acolá, ir se expandindo, se achando e se perdendo – já que os caminhos são tantos – e se encontrando no ser maravilhoso que somos. Nesse meio tempo vamos compreendendo nossas realidades,

lutas e paixões a ponto de nos colocar como personagens principais de uma história que há muito tempo só nos é narrada. Mas como isso?

Proporcionando espaços, tempos e tudo que que há de bom da melhor forma possível sempre.

É isso que eu vejo na EMEF Enzo no – lá damos o nome de – "projeto da escola".

Tudo começa com um pontinho, uma inquietação e vai tomando forma.

Nesses pontinhos, nas semi-formas, vamos experienciando juntas, pensando e repensando.

Vejo isso aqui nessas escriturências da Sandra.

Espero que vejam também e que, ao final dessa leitura, visualizem – assim como eu – que estamos num processo que não dá mais conta de parar, não mais. Nenhum educador deve parar... Para que cada um dos estudantes que passarem por nós possam SER ao vivenciar tudo o que nossas preocupações e esforços tem feito para decolonizar o cotidiano.

Janaina Rodrigues



nãO HÀ

mudança

SEM

SONHO

COMO

NÃO

HÁ

SONHO

SEM

ESPERANÇA

paulo freire

caminhos

percursos
formativos
constitutivos

a
escola

PARA
COMEÇO DE
CONVERSA

do que temos
nos alimentado

conceituando
decolonização

tentativas de
decolonizar o
cotidiano

- feira da economia solidária
- espaço Ayana

GENEALOGIAS - OUTRAS

GT - Princípios do PPP

- construção do PPP
- comissões
- conselhos participativos

CONSTRUÇÃO DE
CONHECIMENTO EM-LUGAR

LUGAR - OUTRO DE
PENSAMENTO E AÇÃO

Ciclos de aprendizagem

- Concentração
- Eletivas
- Tutorias
- Ocupação dos espaços
- Atendimento às crianças com deficiência



Percursos formativos



PERCURSOS FORMATIVOS CONSTITUTIVOS

Para alcançar o desvelamento diante de uma sociedade caracterizada por desdobramentos oriundos de um processo histórico marcado pela colonização, exploração e opressão, é imprescindível trilhar um caminho que nos ajude na constituição identitária da nossa profissionalidade. A indicação de algumas fontes são imprescindíveis para a construção de concepções que nos mobiliza para a ruptura com a forma tradicional de ensinar e aprender, garantindo a valorização de outras formas de produção de saberes; a ruptura paradigmática da dualidade da Ciência Moderna, buscando compreender a integração e a complexidade nos tornando abertos/os para mudanças de rumos diante de situações não previstas. Para o rompimento de tais práticas, é necessária a quebra de estruturas verticais de poder, desconstrução de hierarquias, validação da democracia e o encantamento a partir do que vai sendo descoberto.

Este percurso é árduo na medida em que vamos nos “des”cobrindo de certezas para dar espaço a novas possibilidades de pensamentos e ações; mas ele é também uma caminho provido de alegrias e realizações na medida em que vamos nos reencontrando com algo que nos foi tirado paulatinamente durante nosso processo histórico, afinal, ancestralidade não é só memória, é uma forma de viver modos de vida. A Pedagogia Grô, idealizada por Lilian Pacheco e Márcio Caires contribui essencialmente para a retomada do encantamento vital para as experiências, vivências, produção de diálogos compartilhados; ela tem como objetivo “a elaboração do conhecimento e de um projeto de humanidade/comunidade que tem como foco a expressão da identidade, o vínculo com a ancestralidade e a celebração da vida” (PACHECO, 2006).



Outra fonte responsável por este processo de descortinamento é a ANE (Alternativas para uma Nova Educação) que nos garantiu uma trilha coletiva em torno de questões que nos conduzem a outras perspectivas: “O que buscamos?”, “O que trazemos?”. Quais alternativas construímos juntos/as para outra forma de relações permeadas por configurações pautadas na coletividade e na criatividade para uma nova sociedade? A ANE nos mobiliza para a consciência de que precisamos desnaturalizar o que se apresenta como naturalizado de maneira a nos constituir como sujeitos na construção de outra sociedade através da Educação.

Outra fonte responsável por este processo de descortinamento é a ANE (Alternativas para uma Nova Educação) que nos garantiu uma trilha coletiva em torno de questões que nos conduzem a outras perspectivas: "O que buscamos?", "O que trazemos?". Quais alterna Não há como escapar de se falar em opressão/oprimidos no âmbito escolar se nos propomos a dialogar acerca de seu cotidiano e não há melhor referência do que Paulo Freire que se dedicou ao diálogo da educação emancipadora como potência para a transformação social. Na "Pedagogia do Oprimido" (2005), Freire propõe uma reflexão que nos leva a reconhecer a validade de uma ação pedagógica que não deve estar na medida da falsa generosidade do opressor que busca a manutenção da ordem social injusta. Ele nos deixa como legado que "Nenhuma pedagogia realmente libertadora pode ficar distante dos oprimidos, tornando-os seres desditados, objetos de um tratamento humanitarista".

Na integração e na dialogicidade dessas perspectivas conceituais, será elaborada esta documentação pedagógica que nascerá do cruzamento de embasamentos teóricos e relatos dessas práticas vivenciadas numa escola municipal de ensino fundamental que, apesar de ocupar um espaço diminuto diante da dimensão de um país com proporções continentais, traz um impacto grande para a vida de uma comunidade escolar inteira que se torna imensa quando estamos nela inseridas/os.



Ocupação, sobre ocupar e resistir, 2017
Atividade com o coletivo de professores, 2019

“

Eu espero

Tu esperas

Nós esperamos

”



a escola



EMEF PROFESSOR ENZO ANTÔNIO SILVESTRIN...

A história dessa escola não se inicia em 2006, ano da inauguração de seu prédio de alvenaria, tampouco se inicia quando sua estrutura de "latinha" ("Escolas de lata", oficialmente "salas emergenciais" ou "salas modulares" é a denominação popular dada às escolas públicas instaladas em contêineres metálicos ou construídas em aço galvanizado, com cobertura de telhas de amianto, instaladas inicialmente na Rede Municipal de Ensino de São Paulo - gestão do prefeito Celso Pitta, 1997-2000) já se propõe a abrigar sonhos

e expectativas diversas. Aliás, uma escola com esta trajetória nos dá a verdadeira dimensão de que "escola não é prédio", e sim um emaranhado de relações, possibilidades sociais que refletem a conjuntura contextualizada ao mesmo tempo em que interage com suas construções e produção de conhecimentos.

Voltando à constituição de sua história, não podemos conceber

nenhum espaço pedagógico como algo isolado e independente de seu tempo histórico, pois suas concepções espaciais, organizacionais, temporais efetivamente pertencem a um modus operandi presente na estrutura da sociedade.



EMEF Prof Enzo Antônio Silvestrin pelo Google Maps, de cima para baixo nos anos: 2010, 2017, 2021



Uma escola entre avenidas que faz brotar nas fissuras do asfalto, uma flor que se alimenta dos encontros culturais possíveis, que abriga sonhos, angústias, lutas e uma desigualdade tão presente dentro de uma única região. O encontro de crianças e adolescentes que dividem o ar do mesmo território, mas com disparidade no acesso aos direitos: de um lado da escola chegam estudantes que moram ao lado do shopping e podem contar com as condições básicas para seu desenvolvimento e do outro lado, chegam estudantes que moram no topo mais alto do morro, de onde podem desfrutar de uma bela vista da cidade, mas lhe faltam água encanada, fazendo parte de suas rotinas, a disputa por água nas bicas.

Uma escola gigante, com um pouco mais de mil estudantes matriculadas/os, pertencente a uma rede de ensino do município de São Paulo, situada na periferia noroeste da cidade, mais precisamente em Taipas terá em sua constituição histórica, as marcas sangrentas de um processo colonizador iniciado com a chegada e dominação dos europeus na América e no Brasil.

A distância dessa história traz uma falsa percepção de que esta base colonizadora pautada na exploração e dominação dos povos nada tem de relação com uma escola cujo percurso físico tenha sido iniciado no final do século XX/ início do XXI, mas a relação está posta uma vez que



a base epistemológica do que se entende por educação e sua função na sociedade vai se reproduzindo e se mantendo viva de geração a geração de uma forma bastante naturalizada e entendida como a única via possível.

A parte que será contada dessa longa e permanente história terá início no ano de 2017, o que não significa o

apagamento do que foi construído

antes, apenas um corte intencional

que permitirá a produção de uma

documentação pedagógica por alguém

que viveu uma trajetória na escola a

partir deste marco temporal. A base

colonial na sociedade e,

consequentemente, nas estruturas

escolares é apresentada como parte de

um modelo educacional calcado num

modelo social e que não se restringe a

esta Unidade especificamente, mas a um

sistema educacional vigente que obriga a

uma decisão por parte das/os

educadoras/es: atuar com vistas à

manutenção da colonialidade tão presente

nos corpos e nas mentes ou resistir

bravamente coletivamente contra esta

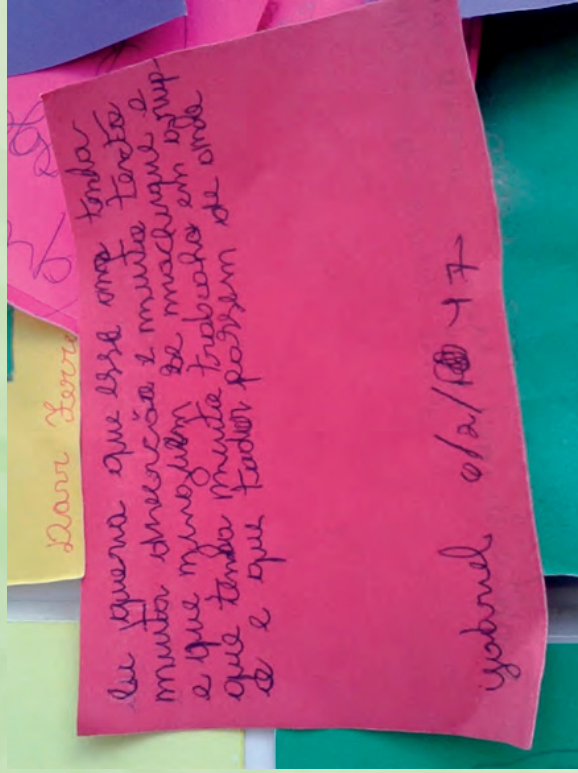
concepção que tem ceifado vidas há tanto

tempo.



**PARA COMEÇO
DE CONVERSA**



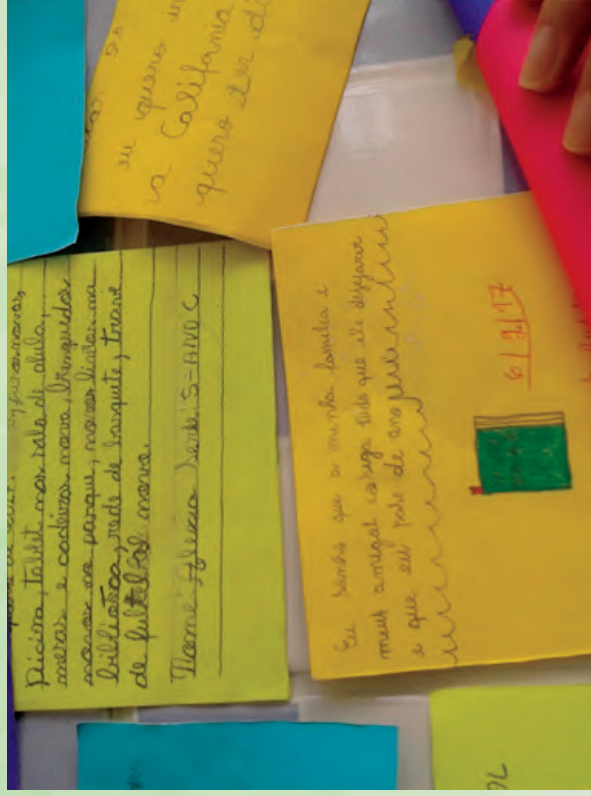


O ano de 2017 foi iniciado com o levantamento dos sonhos das crianças, adolescentes e suas famílias, montamos uma árvore dos desejos com tudo o que expuseram sobre seus projetos pessoais e suas expectativas em relação à escola.

Talvez tenhamos iniciado pelo levantamento dos sonhos porque somos, nós próprias/os educadoras/es frutos de uma epistemologia da educação que não nos garantiu o direito aos sonhos, um processo educativo que primou pela homogeneização dos pensamentos com o propósito de preparar para uma sociedade produtiva. Era necessário e vital começarmos pelos sonhos e foram tantos capazes de fazer ressurgir os nossos próprios sonhos...



ÁRVORE MONTADA PELOS ESTUDANTES COM SEUS SONHOS



A herança colonial em nossa história dizimou vidas, mas também nossa cultura e nossa potência pedagógica. Lillian Pacheco, criadora da Pedagogia Griô, evidencia em seus estudos que “O projeto de humanização da civilização ocidental retirou a vida, a identidade e a ancestralidade do centro e foco da educação”

Naqueles primeiros momentos de fevereiro de 2017, ainda não tínhamos um plano traçado e nem poderíamos sem conhecer a considerar os rumos desejados pela comunidade escolar, mas partimos da certeza de que optar pela resistência ao processo colonizador ao qual estamos inseridos exige a tomada da palavra em defesa da Vida, da Democracia, do direito à constituição plena e irrestrita de nossas subjetividades, pelo fim de toda forma de discriminação: racial, de gênero, de classe social, de diversidade sexual,



enfim, sera preciso garantir o direito a todas as formas de ser e estar no mundo, por isso iniciamos pela proposta da escuta dos sonhos.

Conceito da linguagem (arte e
educação)
Ser asseguradas, práticas edu-
cativas lúdicas - que incluam
lancadeiras e jogos - na reali-
zação de propostas visuais, sonoras,
dramáticas e corporais.
• Ser acolhidas suas experiências,
saberes e fazeres corpó-
reos, sensíveis e reflexivos.
• Ser ampliadas suas ex-
periências, saberes e fazeres por
meio do acesso aos diferentes
modos como a arte e ed. de
sua, vêm sendo produzidas
ao longo do tempo no seu
entorno, no Brasil e no
mundo.

A tomada da palavra nos remete à valorização da oralidade, bem como da escuta atenta, do diálogo, da construção coletiva que rechaça estruturas hierarquizadas que servem como manutenção de poder e dominação. A construção de conhecimento por meio de vivências e tradições orais compartilhadas por uma comunidade devolve a dignidade destruída pela tentativa de hegemonização pretendida por uma proposta educacional em massa, onde prevalece o controle da manifestação livre da corporeidade, do livre pensamento, da criticidade e consequentemente da libertação de mentes e corpos.

Enquanto escutávamos sobre os sonhos, debatíamos coletivamente em torno dos direitos de aprendizagens para que pudéssemos construir um currículo que se pautasse em garantias de direitos para as crianças e adolescentes.



...a importância da utilidade da simbólica universal na situações matemáticas como forma de comunicação.

Conceitos da Natureza

Encantar-se com o mundo e com suas coisas, bem como com as potencialidades de interação com o mundo e de enriquecimento e outros meios de vida vividos.



Era o início de uma construção coletiva, marcada por momentos desafiadores e felizes, por encontros e despedidas, desesperos e restabelecimento da coragem... Era o início de uma escolha que nos trouxe até aqui para contar sobre este percurso...



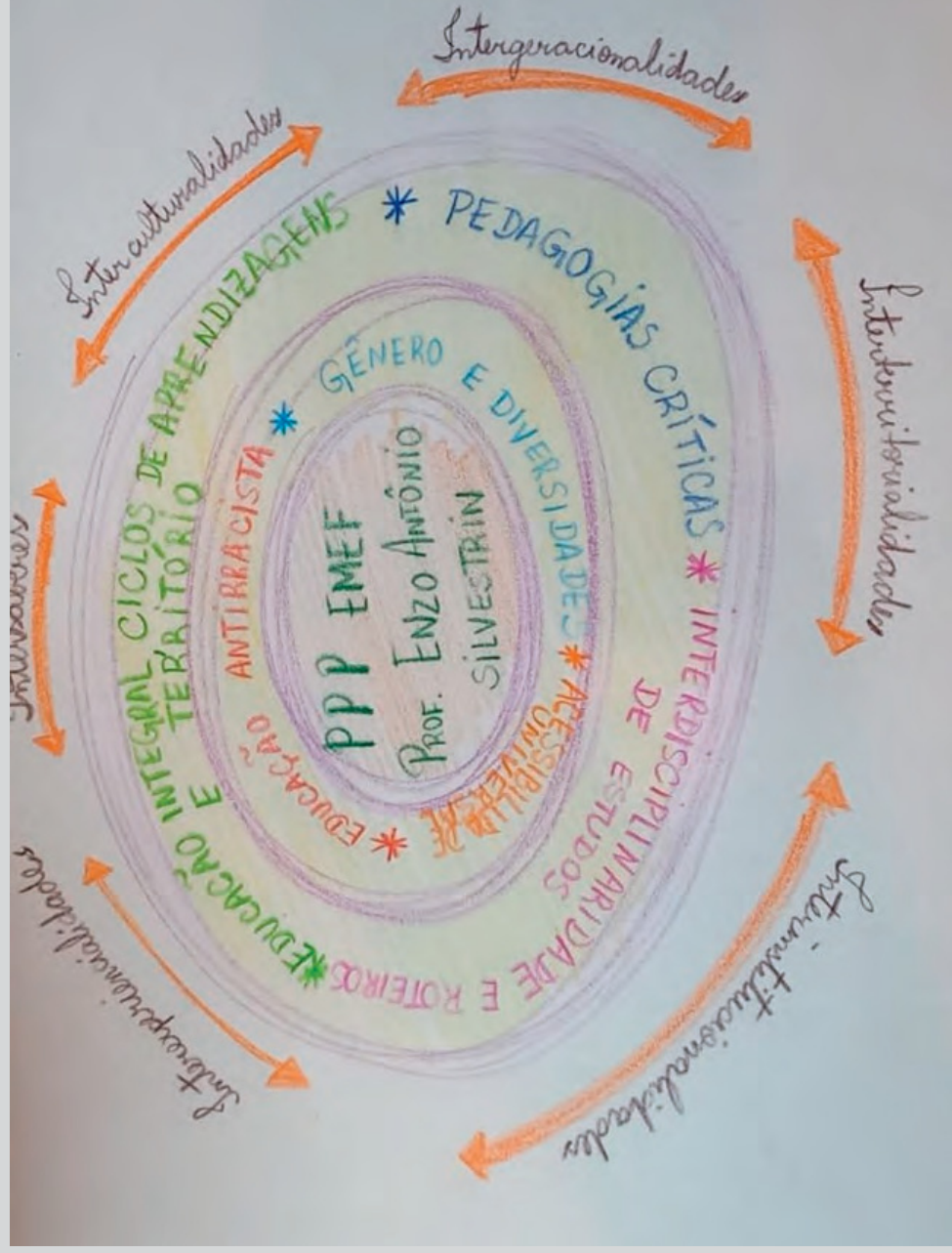


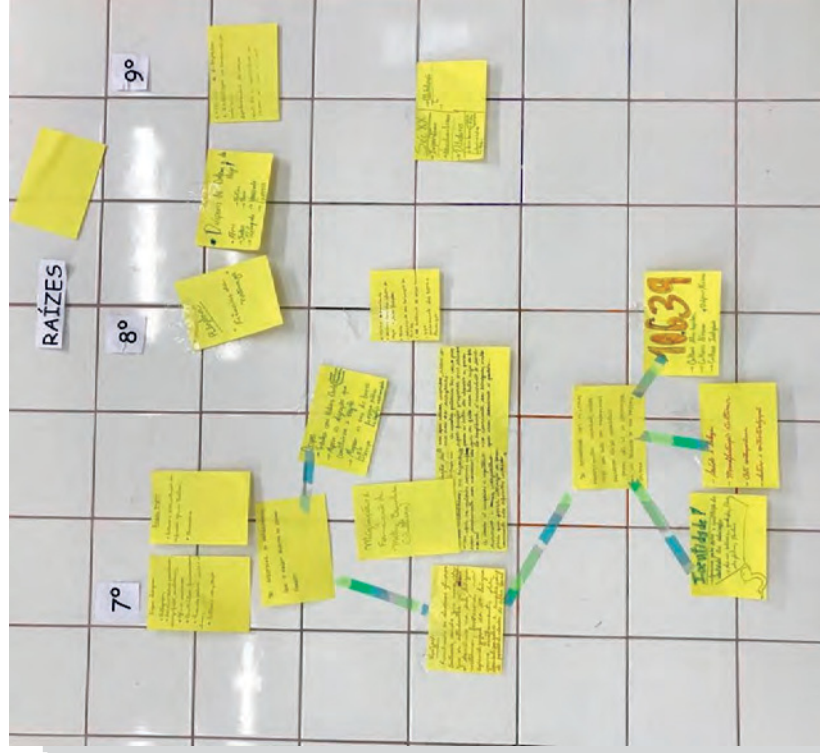
Do que temos nos alimentado

Certamente tivemos um ponto de partida, mas não foi daqueles inícios onde temos o plano traçado e pensado detalhadamente; pelo contrário, só havia mesmo um descompasso coletivo com um sistema educacional que aprisiona estudantes e educadoras/es. Era isso o que nos conectava, uma inquietação poderosa que foi capaz de mobilizar as biografias que compunham aquele grupo inicial.

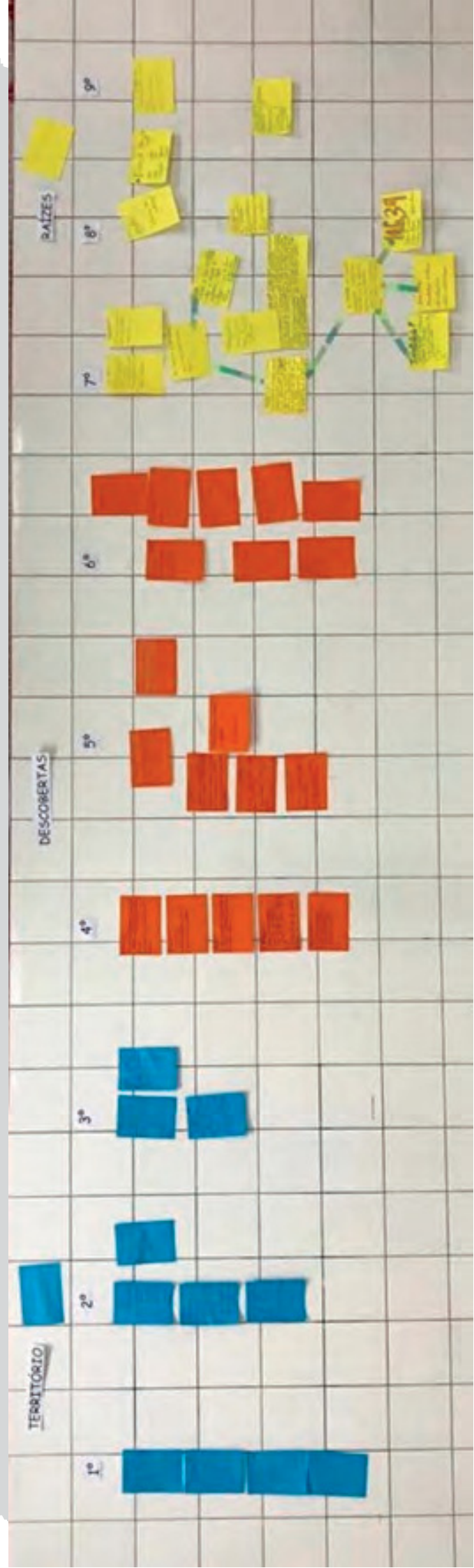
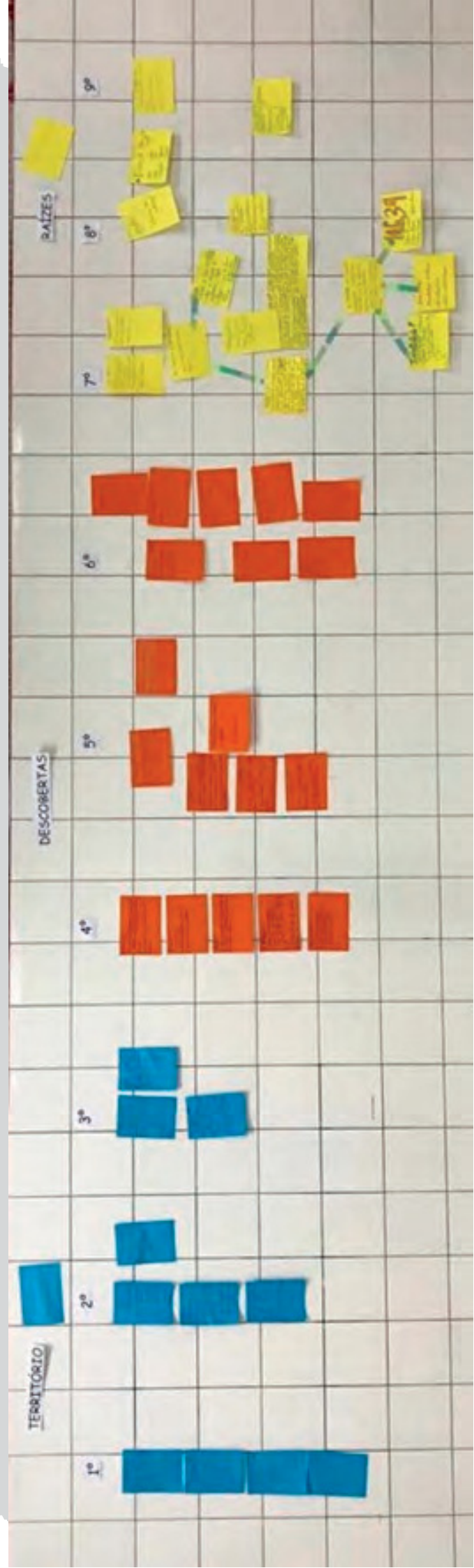
O processo da construção coletiva do PPP levou todo o ano de 2017 e conseguimos o feito de escrevê-lo a muitas mãos: escrita em pequenos grupos submetida ao grupo maior que volta e se transforma a cada passagem. Iniciamos os estudos a partir da busca pelo debate acerca da Função Social da Educação, para a Qualidade Social da Escola, que seguiu para a compreensão do Território e busca por um adensamento no entendimento da comunidade com quem partilhamos sonhos e projetos.

Com o tempo fomos solidificando os princípios que regem nossa atuação pedagógica e defendendo-os de maneira a fazer chegar para o nosso grupo, professoras e professores que passaram a desejar fazer parte deste processo coletivo de construção. Os princípios são autoexplicativos, interessante é concebê-los integrados e de uma hora para outra, é como se não conseguíssemos visualizá-los de forma isolada ou independente, como se já não pudessem existir sozinhos ou não se bastassem...





Assim, os princípios vão tomando força e corpo na interação entre si, vão direcionando estudos, práticas, saberes, articulações, elaboração curricular. Um dos nossos objetivos e que está em andamento é a construção curricular coletiva que permita a cada educador/a visualizar a totalidade dos processos vividos pelo grupo de estudantes do primeiro ao nono ano passando por cada ciclo: Alfabetização, Interdisciplinar e Autoral.



Emancipação para o alcance da autonomia e autoria coletiva e social da classe trabalhadora.

Servitório Cultural Afet

Apropriação de territórios com as cores semelhanças
Parque da Freixia
Museu Estátua

Formação do povo brasileiro

Parque Pinheirão
Museu Afet

Aldéio,
Plantatório

Estudo do meio local onde vive / bairro / entorno

Preservação

Identidade Cultural
Processos migratórios

Saúde

Uso da escrita como um ato coletivo

Quem sou eu?
O que estou fazendo aqui?
Quem sou eu?
Quem sou eu?

Identidade

Identidade

Identidade

Identidade

Identidade

Identidade

Identidade

Identidade

Identidade

Identidade

Identidade

Identidade

Identidade

Identidade

Identidade

Identidade

Identidade

Raízes

Identidade

Identidade

Identidade

Identidade

Identidade

Identidade

Identidade

Identidade

Identidade

Identidade

Identidade

Identidade

Identidade

Identidade

Identidade

Identidade

Identidade

Identidade

Identidade

Identidade

Praga, supermercados, cinema, quilombo, feira, teatro, Parque Água Branca, Pirâmide

Educar pela ação, EducAção.

Corrida de obstáculos,
trilhas de exploração.

Em 2017 mais um percurso se inicia

Pessoas se encontram com
vontade de construir, entusiasmo e alegria.

Com quantos paus se faz uma canoa?

Como saber o que plantar em terra boa?

Que escola é essa que encontramos?

Com qual escola nós sonhamos?

Mais perguntas que respostas.

Algumas propostas, muitas apostas.

Escuta e manifesto.

Encantamentos e protestos.

Olhar para quem veio antes.

procurar as marcas relevantes.

cuidar de quem chega agora.

a sede de quem faz a hora.

Pensar em quem virá depois.

um mais um é sempre mais que dois

Conhecendo a história ali construída.

a hora do encontro é também despedida.

Com ousadia e respeito.

Conhecer e ouvir cada sujeito

A contribuir e participar igualmente

Ao cuidado da semente

Nada é definitivo.

o movimento é que é vivo.

Princípios inegociáveis.

Enfrentamentos e tempos instáveis

Educação Crítica, Direitos Humanos.

Presentes nos cotidianos.

Democracia inteira e não pela metade.

De portas abertas.

desafios no diálogo com a comunidade.

Para ser coletivo, lá dentro e lá fora

Debates intensos, agora é sempre a hora

A alegria que move.

A dor que comove.

Nem só de flores é feito o jardim

De desafios, espinhos, enfim.

Semear e cuidar da floresta

Depois colher e celebrar com festa

No caminho deixando muitas pegadas

Memórias a serem cuidadas:

Festa da Cultura Popular,

compartilhar saberes, celebrar.

Feira da Economia Solidária.

Por uma sociedade igualitária

Grupos estratégicos de ação

Desafios e providências.

Coletivos na decisão

Tutorias para aprender a investigar

Conhecer, intervir, colaborar

Para além das salas de aulas na escola

A cidade e até outras, um pátio que extrapola

Eletivas para ampliar,

Escolher e misturar

Outros companheiros de turma,

Outras linguagens a nos alfabetizar

E na periferia tem cultura?

Ser, pertencer, desafiar a estrutura.

Diário de Quarentena.

segurar as mãos na nova cena,

mentes e corações no isolamento.

aproximar caminhos, diminuir sofrimento

contar dores e descobertas,

manter as janelas abertas.

Voltar, afastar, olhar de novo, buscar,

criar alternativas de atuação.

para uma nova educação.

Porque a vida quer de nós coragem e paixão.





CONCEITUANDO

decolonização



O fazer educativo presente nas instituições escolares baseado nas heranças coloniais acarreta todos os problemas que vivenciamos no universo escolar, bem como impede o cumprimento da função social da educação. Segundo CUNHA (2008), um processo educativo caracterizado por inovações pedagógicas traz em seu bojo: a ruptura com a forma de ensinar e aprender, valorizando outras formas de produção de saberes para além da Ciência Moderna. Alguns aspectos são imprescindíveis para que as pessoas envolvidas atuem como sujeitos ativos em suas aprendizagens: a gestão participativa, a reconfiguração dos saberes na busca pela compreensão integradora da totalidade, a reorganização da relação teoria/prática, a perspectiva orgânica no processo de concepção, o protagonismo e a autoria.

Diante do contexto da herança colonial a que estamos inseridos/as socialmente, com as marcas da opressão e controle, resta-nos uma tomada de decisão, Lerone Bennett Jr. nos legou um importante pensamento: “Um educador em um sistema de opressão ou é um revolucionário ou um opressor”.

O coletivo da EMEF Professor Enzo Antonio Silvestrin tem se debruçado sobre estudos e diálogos por um processo que nos encaminhe para uma Educação com vistas à transformação social e, tendo consciência das amarras impostas pelo processo de colonização que segue se desdobrando sobre nossos corpos, mentes e cotidianos, há uma busca incessante pelos desvelamentos necessários para o surgimento de novos paradigmas.



Catherine Walsh, em seu artigo, “Interculturalidade e decolonialidade do poder. Um pensamento e posicionamento ‘outro’ a partir da diferença colonial” traz a dimensão que toma o conceito de interculturalidade na América latina quando relacionado a geopolíticas de lugar e espaço que percorrem a luta e resistência dos indígenas e negros na perspectiva de suas construções e projeções sociais com orientação epistêmica em direção à decolonização.

Mais do que a simples ideia de inter-relação (ou comunicação, como geralmente se entende no Canadá, Europa e Estados Unidos), a interculturalidade aponta e representa processos de construção de um conhecimento outro, de uma prática política outra, de um poder social (e estatal) outro e de uma sociedade outra; uma outra forma de pensamento relacionada com e contra a modernidade/colonialidade, e um paradigma outro, que é pensado por meio da práxis política (WALSH, 2019).

No mesmo texto, Catherine enfatiza a noção de “interculturalidade epistêmica”, situando-a como uma prática política, contra-hegemônica. A interculturalidade associada com a política cultural ou identitária, reconhecendo outras configurações conceituais projetando outras formas de conhecimento, “partindo da necessária diferença colonial rumo à construção de um mundo diferente”. A esse ponto, ressaltamos a validade da perspectiva que Catherine traz no sentido de estabelecer associações que efetivamente possam romper com uma lógica colonizadora, pois muitas vezes, há uma defesa pela decolonialidade de currículos, por exemplo, mas sem haver uma análise crítica dos processos que envolvem práticas pedagógicas, fatalmente ocorrerá a proposta de um tema que esteja alicerçado em bases decoloniais, mas desenvolvidos ou propostos através de vivências e metodologias calcadas no constructo colonizador.



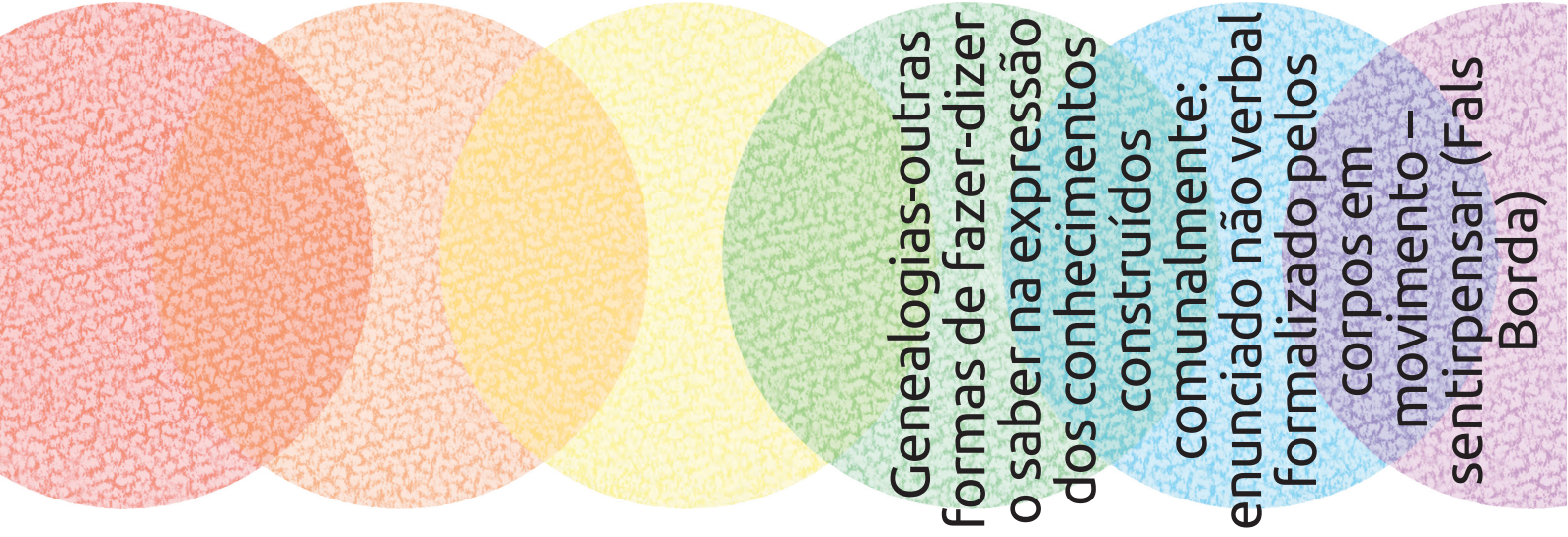
Lançar mão do conceito de decolonialidade pressupõe debater também a colonialidade, Walter Mignolo a define como uma matriz colonial de poder entendendo este poder como um complexo de relações que se justifica pela retórica da modernidade. A decolonialidade seria a resposta às falsas promessas de progresso e desenvolvimento defendidos pela retórica e acima de tudo, uma resposta à violência da colonialidade.

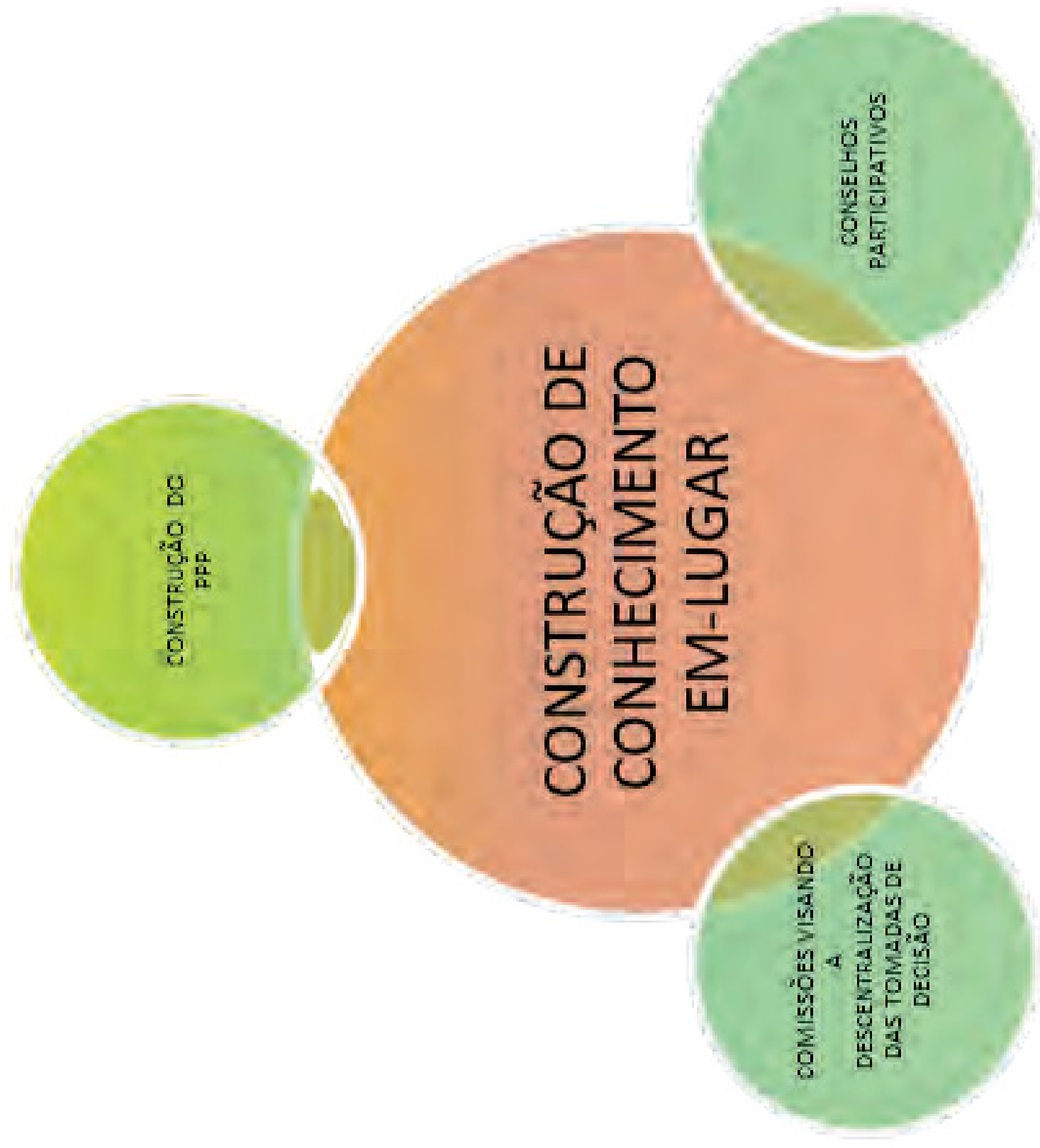
Quijano (2009) explora de forma contundente a colonialidade presente nas estruturas – colonialidade do poder, do saber e do ser – e então vai se tornando evidente a urgência da decolonização das instituições educativas marcadas pelos princípios da homogeneidade e de autoridade.

Buscando referendar as ações pedagógicas da EMEF Professor Enzo Antonio Silvestrin, haverá a tentativa de cruzarmos as ações pedagógicas com os conceitos de Zulma Palermo (2019), que defende Opções-outras de pedagogias com o objetivo de transformação profunda do sistema educacional, reconstrução de tramas comunitárias dos saberes e das subjetividades desintegradas pela colonialidade estrutural. Ela aborda três conceitos que são fundamentais para o processo de **desconstrução de um sistema educativo pautado nas heranças coloniais**

A partir desses conceitos, serão identificados dispositivos, ações e práticas pedagógicas construídas desde 2017 e que são entendidas como proposições que buscam contribuir no processo de decolonização:







Construção de conhecimento em-lugar como alternativa ao conhecimento universalizante. Formas-outras de conhecimento para o surgimento de “novos territórios de existência e novas formas de ser em comunidade”

PERCURSO
CURRICULAR NOS
ANOS INICIAIS

LUGAR-OUTRO DE PENSAMENTO E AÇÃO

ELETIVAS NO CICLO
INTERDISCIPLINAR

TUTORIAS NO
CICLO AUTOPAL

ATENDIMENTO AS
CRIANÇAS COM
DEFICIÊNCIA

Lugar-outra de
pensamento e da
ação como
alternativa ao
pensamento
único. Fazeres-
saberes
decolonizantes:
formas outras de
conhecer e
descobrir, de
fazer e de pensar.



tentativas de
decolonizar o
cotidiano

Genealogias-outras

Ao ler Zulma Palermo quando traz a perspectiva de genealogias-outras, logo pensamos no quanto a base estrutural das nossas construções estão embebidas de concepções e operacionalizações coloniais demarcadas por hierarquias, espaços de poder, engessamentos e rigidez. Pensando no universo escolar e nos aspectos que alimentam as ações pedagógicas nos direcionamos ao núcleo formativo, espaço onde se produz conhecimento, onde acontecem os debates, reflexões, escolhas, ou seja, tudo o que concerne ao processo de construção de um projeto educativo. Então nos perguntamos: quem deve participar deste processo de construção? Podemos incumbir a coordenação pedagógica desta tarefa e somente ela? Incluímos a gestão como um todo para facilitar um árduo trabalho para apenas duas pessoas que compõem a coordenação pedagógica de uma escola? Concebemos esta função como destinada ao pequeno grupo de profissionais “iluminadas/os” que conduzirá uma comunidade escolar inteira?



Já diz um provérbio africano que “é necessária uma aldeia inteira para se educar uma criança” e esta perspectiva é oposta ao sistema hierárquico estruturado para a gestão de uma unidade escolar. É absolutamente colonial existir um pequeno grupo gestor que determinará os caminhos trilhados por uma comunidade de mil estudantes que ampliada para a abrangência das relações e imaginando que cada criança tem, no mínimo, quatro pessoas no seu núcleo familiar mais próximo, chega a cinco mil pessoas além do grupo de profissionais.

Já diz um provérbio africano que “é necessária uma aldeia inteira para se educar uma criança” e esta perspectiva é oposta ao sistema hierárquico estruturado para a gestão de uma unidade escolar. É absolutamente colonial existir um pequeno grupo gestor que determinará os caminhos trilhados por uma comunidade de mil estudantes que ampliada para a abrangência das relações e imaginando que cada criança tem, no mínimo, quatro pessoas no seu núcleo familiar mais próximo, chega a cinco mil pessoas além do grupo de profissionais.

São perguntas essenciais para quem busca imprimir outra lógica de pensamento e assim, temos buscado algumas possibilidades que nos permitam estabelecer outras relações com a comunidade interna e externa, bem como nos possibilite outras origens fundantes de nosso projeto:



FEIRA DA ECONOMIA SOLIDÁRIA E LICITAÇÃO PARA GASTOS COM RECURSOS PRÓPRIOS

Em 2017, iniciamos dois processos importantes inserindo dispositivos para que as famílias compreendessem a escola como um espaço público que deveria ser ocupado por elas. A Unidade estava com a manutenção do seu prédio bastante prejudicada precisando de reformas em vários pontos e, através do Conselho de Escola decidimos que a Festa da Cultura Popular Brasileira daquele ano teria a sua arrecadação (que é justamente proporcionada pela própria comunidade) revertida para a reforma dos banheiros que ficam no térreo, os maiores banheiros e os mais usados pelo grupo de estudantes. A partir do valor arrecadado, abrimos a possibilidade de levantamento de orçamentos dentre prestadores de serviços da comunidade, familiares deste ramo profissional, mas que não possuíam empresa aberta com as notas fiscais exigidas para serem pagos com as verbas públicas.





Neste mesmo ano, demos início à Feira da Economia Solidária. Seu objetivo principal era colocar o espaço da escola à disposição da comunidade para que pudesse expor seus trabalhos, compartilhar suas produções e saberes, conhecer os trabalhos das outras pessoas, além da geração de renda para as famílias. Aconteceram seis edições da Feira antes do período pandêmico.

Tais iniciativas representaram, simbolicamente, a abertura das portas da escola para as famílias numa outra perspectiva, de forma que pudessem construir uma relação de pertencimento com o espaço público de maneira a se perceberem sujeitos dos processos em andamento, abrindo espaço para que, ao se apropriarem fisicamente dos espaços, percebessem o quanto podem contribuir também dentro de outros aspectos, inclusive, sobre os aspectos educativos e epistemológicos do currículo.

— ESPAÇO AYANA E GRUPOS DE TRABALHO A PARTIR DOS PRINCÍPIOS DO PPP

O Espaço Ayana se tornou um espaço coletivo para pensar e elaborar as ações formativas na escola, é um espaço aberto para participação geral e temos como objetivo ampliar cada vez mais o envolvimento de representantes de todos os segmentos. Com esta iniciativa, nem mesmo as reuniões pedagógicas são planejadas apenas pela gestão escolar, assim como também sempre que surge um conflito ou situação dependente de um

encaminhamento formativo, o Ayana se torna um espaço de produção de conhecimento e tomada de decisão coletiva. A partir dele, iniciamos os Grupos de Trabalho pautados pelos princípios presentes no PPP: Educação Integral, Ciclos de Aprendizagem e Território;

Pedagogias Críticas; Educação Antirracista; Gênero e Diversidades; Interdisciplinaridade e

Roteiros de Estudos e Acessibilidade Universal. Esses grupos se encontraram virtualmente durante o segundo semestre de 2021, tendo dificuldades na sua continuidade com o pleno retorno presencial, pois se tornou mais difícil para a participação das famílias.





A ideia de um espaço coletivo e permanente de formação nasceu a partir de uma situação peculiar vivenciada com um grupo de estagiárias e estagiários que estavam participando das atividades educativas desenvolvidas em nossa escola. A

saber, durante uma atividade virtual conduzida por estagiárias e estagiários do curso de psicologia da PUC, com o acompanhamento da coordenação pedagógica, uma estudante relatou um episódio de racismo que sofrera em outra unidade educacional. De acordo com o relato da criança, uma professora teria solicitado que ela se sentasse no fundo da sala, pois seu cabelo estava atrapalhando a dinâmica da aula. Em seu discurso, a estudante nomeou a situação como “bullying”.

De imediato, um colega disse que ela deveria denunciar a professora. Ao perceber que os estagiários não compreenderam que se tratava de um caso de racismo, a coordenadora pediu a palavra para dizer que o estudante estava correto.

Avaliando a situação com os estagiários, chegou-se à conclusão de que no próximo encontro precisaria ser promovido um debate sobre questões relacionadas ao racismo. Porém, notando que esse debate não surgiu nos encontros seguintes, a coordenadora entrou em contato com uma professora especialista no assunto, a qual sugeriu que oferecêssemos uma formação sobre “educação antirracista” para os estagiários e estagiárias.

Para discutir essa proposta formativa, foi feito um chamamento para todo o grupo de professoras e professores da unidade escolar, na perspectiva de que o processo fosse pensado coletivamente. Durante a elaboração dessa formação, os/as participantes perceberam a necessidade de promover formações permanentes, com todos os grupos de estagiárias e estagiários que viessem para a escola, apresentando e debatendo os principais pontos do PPP da escola. Colaborou também para essa decisão a reflexão sobre a nossa responsabilidade, como educadores, com a formação dos estagiários e estagiárias.

Para nomear esse grupo permanente de estudos e formações, escolhemos o nome da estudante que, ao relatar o episódio de racismo, catalisou toda essa ação. Surge então o Espaço Diversidade e Educação Ayana. Sua finalidade é proporcionar encontros de toda a comunidade escolar, acolhendo e aprofundando pautas que sejam pertinentes à formação humana.

Vale acrescentar que, paralelamente a esse movimento, em reuniões com as famílias, percebemos que algumas delas não compreendiam certos princípios do PPP da unidade. Notamos, por exemplo, que o trabalho com Eixos (projetos interdisciplinares), desenvolvido pelos educadores da escola em 2020, era visto por algumas famílias como um ensino sem conteúdos, como algo que “não era aula”.

Essa percepção ressignificou a função do Espaço Ayana: era preciso abordar os fundamentos do PPP não só com os/as estagiários/as que chegam, mas com quem já está, isto é, todas as trabalhadoras e trabalhadores da unidade, juntamente aos demais membros da comunidade escolar (famílias, funcionários e parceiros). Esse movimento, cumpre enfatizar, precisaria ser dialógico: junto e com.

Foi nessa perspectiva que consideramos a possibilidade de desenvolver o PEA 2021 dentro do espaço Ayana. A proposta é que nos dividamos em grupos para aprofundarmos os estudos sobre os fundamentos do PPP da escola, e, posteriormente, compartilharmos os resultados com todos os segmentos

Construção de conhecimento-em lugar

Este conceito de Zulma Palermo é fundamental para um projeto de escola que se pretenda autoral. A legislação garante autonomia às escolas, mas ao mesmo tempo, os órgãos centrais prescrevem muitas ações e procedimentos, colocando ao coletivo de educadoras/es um desafio significativo para um processo de ousadia no sentido de construir seus conhecimentos a partir de suas próprias realidades, bem como tomar as decisões que sejam importantes e que atendam às necessidades de suas demandas. O coletivo da unidade valoriza de maneira fundamental os processos formativos e, necessariamente, a formação continuada que se dá entre nós “in loco”.

Temos por opção também que nossos espaços de estudos coletivos sejam utilizados como forma de produzirmos “conhecimento-em lugar”, gerando condições para as tomadas de decisão, construção curricular e escolhas por encaminhamentos necessários.

O PPP que passa todos os anos por processos de releituras, debates e alterações teve seu início de elaboração durante o ano de 2017 no horário coletivo. Havia a proposta de escrevermos coletivamente em pequenos grupos que submetiam sua escrita à assembleia geral, assim como também fomos criando espaços de escuta das famílias e estudantes de forma a garantir que suas projeções também estivessem presentes. Hoje, a partir de uma comissão de escrita do PPP, acontecem encontros periódicos com familiares que desejam fazer parte deste processo de reescrita.

As comissões que são constituídas no início de cada ano têm o objetivo de descentralizar as tomadas de decisão ao passo em que também possibilita a construção de conhecimento a cada encontro dos membros/as da comissão para o debate acerca de suas responsabilidades como quando se reúnem para decidir sobre as festas e eventos, as semanas temáticas, a comunicação da escola, a escrita do PPP...

Outro espaço onde temos a oportunidade de construir conhecimento em-local é nos conselhos de classe participativos que acontecem dos sextos aos nonos anos. Desde 2018, iniciamos os conselhos participativos onde temos todo o grupo de estudantes e docentes representando de cada área de conhecimento. Criamos um espaço seguro para a escuta e a fala de todas as pessoas presentes, momento em que podemos expressar nossas percepções diante das aulas, dos envolvimento de estudantes e professoras/es no que tange aos processos de aprendizagem e também aos relacionais. Temos a oportunidade de desbravar concepções presentes, necessidades, fragilidades, potencialidades, nos conhecer de forma mais profunda e significativa. O grupo de estudantes tem a oportunidade de expor como se sente frente aos desafios propostos pelos/as docentes, bem como também falar dos avanços de seus/suas colegas. Os temas abordados acabam se tornando temas de estudos, reflexões e ponderações necessárias e com validade coletiva.

Talvez não haja melhor lugar do que uma escola para exercitar outros pensamentos e ações. Palermo nos alerta para o fato de que um movimento decolonizador pressupõe, invariavelmente, uma inversão de lógica desde os aparentemente mais triviais movimentos cotidianos. Conceber outras possibilidades relacionais, organizacionais, de construção de conhecimentos nos coloca o desafio de um pensamento-outra e uma ação-outra e tais medidas exigem mudanças de paradigmas.

LUGAR-OUTRO DE

Iniciamos um processo de alteração de tempos e espaços, formas e conteúdos... Um percurso longo que nos dá sempre a sensação de inacabado e talvez seja mesmo, dada a organicidade e a não linearidade presentes nos processos comunitários. Foi a partir do segundo semestre de 2017 que demos os primeiros passos com as turmas de oitavos anos; ao final daquele mesmo ano, vivíamos a expectativa de constituir um caminho específico para cada ciclo de aprendizagem.

Para cada ciclo há um eixo organizador: no ciclo de alfabetização, o tema gerador é “Território”; é apresentada à criança o território de uma forma bem ampla: da sua casa, da sua escola, do seu percurso, ela mesma como um território e todas as pessoas que a rodeiam também como territórios em extensão dela própria. No ciclo interdisciplinar, o tema é

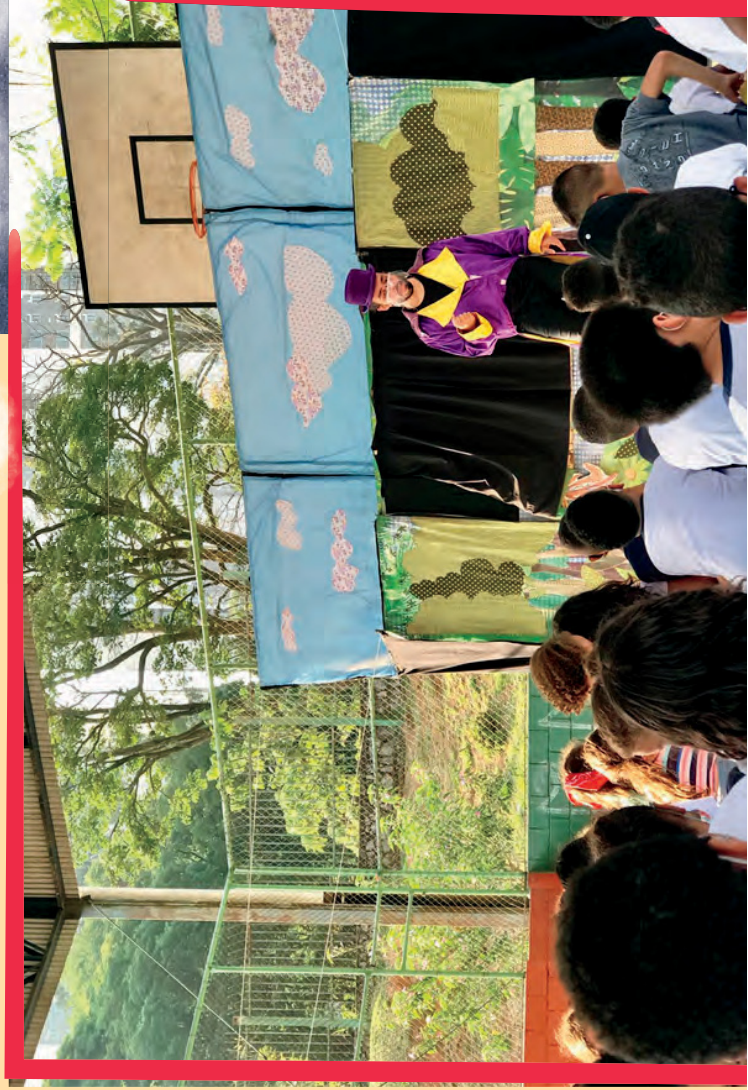
“Descobertas” e então vamos tentando alimentar as buscas por “achados” internos e externos, no local onde vivemos e no espaço longe, vão surgindo descobertas que vêm com a chegada da adolescência: por dentro, no corpo, no olhar do outro sobre mim e no meu olhar sobre as outras pessoas para enfim, no ciclo autoral, com o abrangente tema “Raízes” sentirmos os processos da constituição identitária. Os temas não estão engessados em cada ciclo, vão permeando, fazendo parte de todo o processo com enfoques especiais a cada etapa.

Foram selecionados alguns dispositivos associados a cada ciclo, vamos iniciar pelo percurso curricular nos anos iniciais.

PENSAMENTO E AÇÃO

“Para o Ciclo de Alfabetização e parte do Interdisciplinar (1º ao 5º anos), iniciamos a organização dos tempos de aula a partir do levantamento de tempos mínimos e máximos onde as crianças, a cada faixa etária, pudessem efetivamente, aproveitar concentradas atividades de natureza leitora e escritora, a estes tempos demos o nome de “Concentração”. Incluímos as aulas das especialidades: Educação Física, Arte, Inglês, Sala de Leitura, Tecnologia e nos tempos restantes, fomos incluindo outras linguagens de acordo com os saberes do grupo de docentes. Essa inclusão se dava ou como “aulas compartilhadas”, onde cada professora propunha uma aula e as crianças participavam de todas na medida em que havia um rodízio de professoras/aulas para cada turma, ou em forma de “aulas eletivas” (destinada aos 5ºs anos) onde as crianças escolhem dentre as propostas apresentadas e seguem por um período nas aulas escolhidas.

Estamos em fase de transição para a ambientação das salas para as crianças até o 5º ano; neste caso, a cada aula, a turma acompanha a professora ao ambiente preparado para a aula planejada.











Eletivas no ciclo interdisciplinar

A partir do 6º ano, cada tempo é de uma hora e meia e o que será ressaltado para este segmento, são as aulas eletivas que ocorrem uma vez por semana. Há um processo inicial onde cada educador/a apresenta o tema de sua oficina e cada estudante faz a sua escolha permanecendo nesta eletiva por um período que pode ser bimestral ou semestral.

“A partir do 6º ano, cada tempo é de uma hora e meia e o que será ressaltado para este segmento, são as aulas eletivas que ocorrem uma vez por semana. Há um processo inicial onde cada educador/a apresenta o tema de sua oficina e cada estudante faz a sua escolha permanecendo nesta eletiva por um período que pode ser bimestral ou semestral.

Há um relato importante sobre as eletivas para os 6ºs e 7ºs anos: ao final de um período no ano de 2019, a Osmarina, coordenadora pedagógica, que oferecia uma eletiva de fotografia decidiu que no próximo período, ofereceria uma eletiva de cubo mágico e, ao comunicar ao seu grupo, recebeu uma reação de tristeza daqueles/as estudantes. Um dos garotos que estava gostando muito e tinha como proposta partir para uma oficina de edição de vídeos perguntou se ele não poderia oferecer uma eletiva, ou seja, ser responsável por uma eletiva como mediador.

Prontamente nos organizamos para que nosso estudante pudesse oferecer a eletiva para outros/as estudantes. Ele participou dos processos onde apresentamos nossos temas e teve um grupo para acompanhar. No período seguinte, declarou que tinha interesse em participar de uma eletiva como estudante e outro colega desejou fazer uma oferta de oficina. Estes acontecimentos nos trouxeram a percepção de que estávamos no caminho certo, pois já podíamos perceber nos estudantes sinais de suas trajetórias em direção à autoria. Foi muito bonito vê-los se sentindo seguros e apropriados de um processo de construção de conhecimento com disposição de partilhar com demais estudantes.



Tutorias no ciclo autoral

Para o Ciclo Autoral, mais precisamente 8ºs e 9º anos, daremos destaque à tutorias que têm como objetivos a construção do conhecimento através da investigação, sendo o/a tutor/a responsável por caminhar junto do/a estudante dentro de uma temática orientando a pesquisa. A partir deste agrupamento com um número menor de estudantes, torna-se possível um acompanhamento mais próximo dos processos de aprendizagem, o estabelecimento maior de vínculos que garantam uma aproximação com o/a estudante e sua família. Neste processo, não há soberania de conhecimento do/a docente sobre o/a estudante, há aprendiz e construtores/as de conhecimento que caminham juntos/as, descobrem, elaboram, levantam hipóteses e propostas de intervenção no mundo.



ATIVIDADE DA TUTORIA NA PRAÇA - 2022



CONVERSA COM REPRESENTANTES DA OCUPAÇÃO
NOVA CANUDOS DO MTST DO TERRITÓRIO - 2022

Em todos os ciclos, o “Direito à Cidade” é um dos direitos absolutamente defendidos em cada ação pedagógica. Defendemos a ocupação dos espaços, a começar pela própria escola, o território e enfim, a cidade. A ocupação entendida de uma forma muito ampla, ocupação pela presença, pela intervenção, pelo cuidado. Temos como princípio a circulação pelo território, pela cidade e, na escola, não há um só lugar que não possa ser ocupado.























Atendimento às crianças com deficiência



CIMAGEM REFERENTE À
CARTA SENSORIAL
ENVIADA PELA PROFESSORA PARA
UM ESTUDANTE)

“ Para além do atendimento regular, temos uma Sala de Recursos Multifuncionais para atendimento especializado às crianças com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. Este trabalho é realizado pela professora Mirella Maria que, além de especialista na área, é professora de Arte. Mirella trouxe criatividade para o trabalho no contrato com as nossas crianças e faz um trabalho bonito também no processo formativo com os/as educadores/as da escola. Tem uma sensibilidade e compromisso ao apresentar cada criança a partir dos olhares que elas têm de si mesmas associados às suas potências.

“No ano de 2020, as possibilidades de desenvolvimento de um trabalho inclusivo foram colocadas em xeque. Nesse sentido, eu, enquanto professora e artista, me preocupei com a comunicação e interação com as crianças que atendo na EMEF Enzo Antonio

Silvestrin. Juntamente com o apoio das famílias, sugeri um diálogo por cartas, cada qual respeitando a diversidade de cada criança . Foram cartas sensoriais, cartas com fotografia , cartas com mensagens escritas e desenhadas. Foram maneiras de me aproximar das crianças e (re)criar formas de comunicação e interações com as mesmas .

O retorno foi positivo, na medida em que elas me trouxeram, da forma delas, quais foram as sensações que as cartas haviam transmitido . Sendo assim, acredito que pedagogicamente

temos como possibilidade ampliar nossas práticas, permitindo outros olhares para nós educadores, para as famílias e para as crianças”.

Relato por Mirella Maria

— “ —

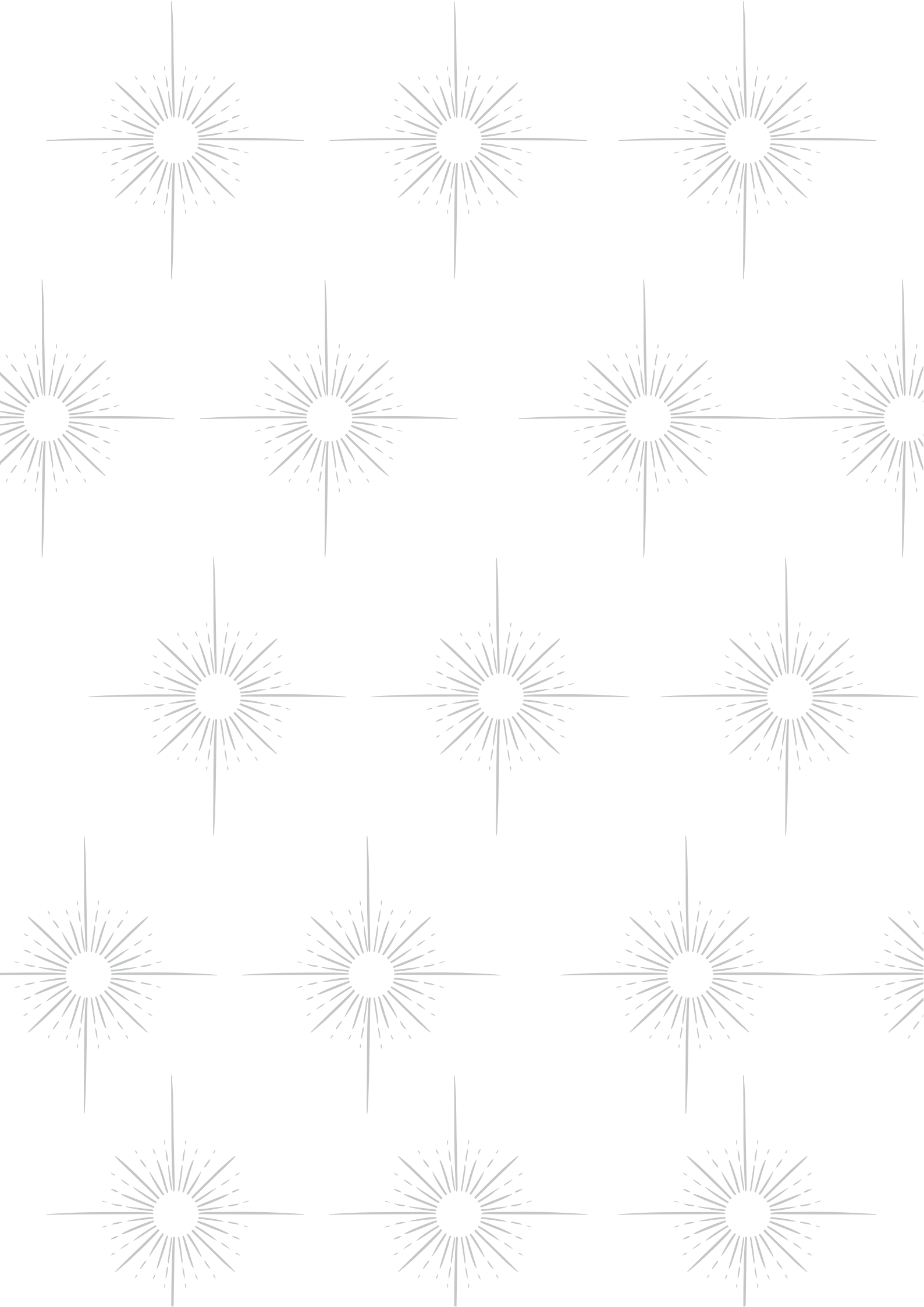
ESPAÇO PARA POESIA.

POESIA PARA O ESPAÇO.

— ” —

26/09/20
Jawad R.





A autora

Nascida em São Paulo, já morou no litoral do Estado e no Mato Grosso do Sul, sempre que pode está viajando, conhecendo outros lugares e suas histórias, mas é aqui que se encontrou e onde vive com a família.

Sandra é, nas palavras de Cora Coralina, "aquela mulher a quem o tempo muito ensinou. Ensinou a amar a vida e a não desistir da luta, recomeçar na derrota, renunciar a palavras e pensamentos negativos. Acreditar nos valores humanos e ser otimista". Acredita na educação pública de qualidade, na liberdade e no ser feliz sempre, até mesmo nos momentos de descuido, como diz Manoel de Barros. Educadora desde sempre, foi professora e atuou em outros campos da educação e na formação de professoras/es. Valente, busca caminhos para educação democrática e humana. Há quase 6 anos, é a Diretora sonhadora da EMEF Professor Enzo Antonio Silvestrin, escola da Rede Municipal de São Paulo .

Busca, junto com o coletivo da escola, um currículo transformador, mas possível, que respeite as crianças e adolescentes, seu território, suas necessidades, buscando sempre dar sentido ao conhecimento e à realidade.

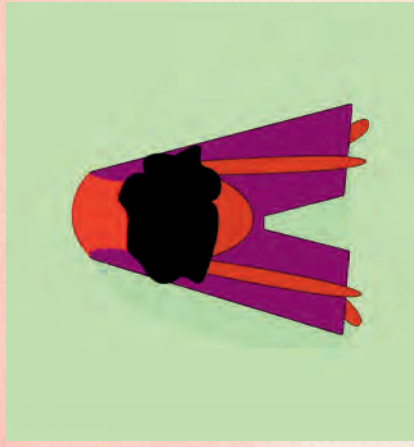
Sandra é graduada em História, especialista em gestão escolar e mestre em psicologia e educação. Está sempre estudando e em movimentos de escuta e reflexão com outros/as educadores/as.

Filha, irmã, esposa, amiga e mãe incrível e dedicada está sempre disposta a escutar e aventurar-se na vida, criando lindas memórias. Vive sua verdade com respeito e amor todos os dias.

MARCIA DUARTE CARVALHO



nessa edição...



Janaina Rodrigues

Pedagoga, técnica em multimídias, curiosa e fuçadora de coisas. Atualmente leciona na EMEF Enzo na sala de tecnologia e ama projetos (ela sempre esta em todos, praticamente).
Sonha em sempre fazer mais, adora imaginar e criar coisas, assim como as histórias e tirinhas que vivem na sua cabeça e ela não desenhou nenhuma ainda... quem sabe na próxima edição ;D



Laura Carvalho

Graduanda no curso Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais pela UNESP, é artista visual e educadore no Cursinho Prévia. Atualmente trabalha com educação e pesquisa pedagógicas antinormativas.



Márcia Duarte Carvalho

Paulistana é pedagoga e professora há mais de 30 anos. Trabalha como professora e gestora na Prefeitura de São Paulo. Ama a educação e luta por ela em qualquer espaço.



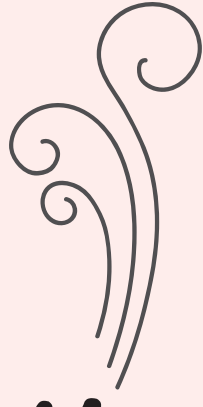
Márcia Cordeiro Moreira

56 anos, 27 anos atuando na educação básica pública, em permanente formação pela vida: família, escola pública de educação básica, universidade - psicologia (graduação) e psicologia da educação (mestrado), pela militância sindical, por espaços culturais e movimentos sociais, pelo trabalho desde os 15 anos de idade e pelo recente encontro com a Pedagogia Griô. Desde 2017 supervisora escolar da EMEF Enzo

marcordemar@gmail.com



Vozes que ecoam aqui:



- CUNHA, Maria Isabel. Inovações Pedagógicas: O desafio da reconfiguração de saberes na docência universitária. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. Epistemologias do Sul, Foz do Iguaçu/PR, 1(1), p. 12-32, 2017.
- PACHECO, Lillian. A Pedagogia Griô, tradição oral e política da diversidade. Dossiê Pedagogia Griô. Revista Diversitas USP.
- _____. Pedagogia Griô: a reinvenção da roda da vida. Lençóis, BA: Gráfica Santa Helena, 2006.
- PALERMO, Zulma. A opção decolonial como um lugar-outro de pensamento. Epistemologias do Sul, Foz do Iguaçu, V.3, n.2, p. 44-56, 2019
- QUIJANO, A Des/colonialidad Del poder: El horizonte alternativo. Estudios Latinoamericanos, n. 25, p. 27-30, 2009.
- WALSH, Catherine. Interculturalidade e decolonialidade do poder. Um pensamento e posicionamentos “outro” a partir da diferença colonial. Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas. V.5, nº1, Jan.-Jul., 2019.

